



DO TABU AO ORGASMO

As constituições de representações femininas e sexualidades na série de quadrinhos “Garota Siririca”

Camille Roberta Balestieri

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O presente trabalho é parte dos resultados de pesquisa realizada para a conclusão da disciplina Planejamento e Produção em Multimeios (Comunicação e Multimeios UEM 2014). A partir da série de quadrinhos “Garota Siririca” buscou-se como objetivo geral problematizar as representações de feminilidade reproduzidas em circuitos de comunicação hegemônicos - como a publicidade e a indústria pornográfica - em comparação a aquelas que podem ser organizadas e construídas em meios de comunicação não hegemônicos. Os objetivos específicos foram: demonstrar a relevância dos *zines* e quadrinhos feministas como objetos da comunicação; trazer à tona as constituições transgressivas dos modos de ser mulher e de possibilidades de vivências de sexualidades ofertadas pela “Garota Siririca” - que utiliza a estética pós-pornográfica e desenvolve sua narrativa a partir da masturbação feminina como cerne. Para dar conta dos objetivos, utilizou-se método de pesquisa de cunho analítico qualitativo com delineamento de material documental e bibliográfico. As contribuições de Lessa (2005) a respeito do discurso publicitário sobre as mulheres, Preciado (2011) sobre a pós-pornografia e Butler (2003) sobre gênero norteiam o desenvolvimento do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Sexualidades; Representações Femininas; Quadrinhos.

INTRODUÇÃO

Apesar de constituir apenas uma parte dos resultados da pesquisa realizada sobre *zines* e quadrinhos feministas em circulação no ciberespaço – que centralizou

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



as duas edições do zine “Ética do Tesão na Pós-Modernidade” e a série de quadrinhos “Garota Siririca”, ambas de autoria de Gabriela Masson – arrisco-me ao propor que o presente fragmento traz consigo as problemáticas da investigação completa com o mesmo grau de inquietação: apresenta-se como uma provocação a pesquisadores/as do campo da comunicação ao questionar as representações de feminilidades reproduzidas em circuitos hegemônicos – como a publicidade e indústria pornográfica -, convidando-os/as a se desnudarem de preconceitos e possíveis pudores para vislumbrar as possibilidades de olhares que os estudos de gênero, sexualidade e os feminismos propiciam sobre estes e outros circuitos comunicacionais que são marcados pela hegemonia de discursos sobre corpos e sexualidades. Ao mesmo tempo, apresenta a “Garota Siririca” como um *lócus* de resistência a tais discursos por meio das representações de modos de ser mulher e sexualidades transgressivas, sendo, portanto, uma produção suficientemente relevante para atrair o olhar do/a comunicador/a.

Possibilidades no ciberespaço: territórios e mídias da criação colaborativa.

A popularização dos computadores e a globalização da *world wide web* no último quarto do século XX foram (e ainda são) tema de autores/as que identificaram e especularam sobre a formação da sociedade em rede (Castells, 1999) e a emergência da cibercultura (Lévy, 2000). Por meio de suas obras – até mesmo as fictícias a exemplo de 1984 de George Orwell, Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley ou Neuromancer de William Gibson - somos apresentados/as às consequências das mais diversas naturezas (política, econômica, social, ecológica, etc) da nova era de informação que interferem na criação de narrativas, circulação de discursos, estética, e na linguagem (MURRAY, 2003; LÉVY, 2000). As relações de produção e consumo também se veem abaladas e todas as mudanças proporcionadas por essa “Nova Era” desafiam o que entendemos por globalização, pois observamos que, apesar da grande integração tecnológica e socioeconômica global, surgem identidades culturais independentes e singulares (CASTELLS, 1999,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





p. XXII). Esse fenômeno pode ser explicado pela autonomia que é conferida às pessoas dentro dessa nova realidade social: vivemos em redes que nos conectam e também individualizam.

Segundo Lévy,

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesse comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato. (LÉVY, 2000, p.130).

As transformações possibilitadas pela ampla difusão dos computadores e da *web* são facilmente percebidas nos meios de comunicação de massa, principais responsáveis pela definição de agendas de assuntos durante o século XX: a televisão e o rádio passaram a ser digitais, produtores/as de jornais e revistas adaptam os conteúdos do impresso para o digital e, cada vez mais, produzem pensando nos/as consumidores/as de informação dos meios móveis, como *smartphones* e *tablets*. Os usos desses suportes de comunicação de formas não hegemônicas também acompanharam tais mudanças, resultando da inserção de tecnologias de comunicação no cotidiano das pessoas e dos fluxos de informação trocados por usuários/as em plataformas de comunicação virtuais ou redes sociais, a exemplo do *ICQ*, *Orkut*, *Msn*, *Facebook* e *Twitter*. A série de quadrinhos “Garota Siririca” certamente é um exemplo de um produto de comunicação – os quadrinhos - que passou por tais transformações. Com base nessas perspectivas de produção e interpretação das mensagens e das mídias, passamos a analisar os modos de ser mulher e vivências de sexualidades ofertadas pela “Garota Siririca”.

Feminismos em rede: o ciberativismo, as feminilidades e sexualidades não hegemônicas.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



A migração das mídias utilizadas por militantes feministas para o ciberespaço, assim como das discussões sobre o movimento e, inclusive, sua atuação na *web* são sintomáticas da emergência do ciberativismo – o ciberespaço agora está configurado como um território comunicacional, ou seja, cenário em que ocorrem as relações de poder entre grupos das mais diversas motivações políticas que nele fixam suas bandeiras e pleiteiam entre si suas ideologias de maneira não hegemônica. Utilizo a concepção de territórios midiáticos, e não de espaços midiáticos, pois os territórios “[...] são permeados de relações de poder e de processos de subjetivação que caracterizam suas experiências e suas produções” (TAKARA, 2013, p. 22). Os espaços, entretanto, se limitam a ser o lugar onde ocorrem ações e situações, sem considerar seu caráter político.

As apropriações em diversas localidades, as várias culturas e as diferentes identidades e organizações transformam a relação entre os indivíduos na sociedade. Há um aumento significativo do consumo e, com ele, repensam as condições de vida das pessoas. Os jovens se interessaram em —experimentar outras formas de comunicação além das mídias de massa. As tecnologias de informação e comunicação integram os indivíduos em outra configuração espaço-temporal: o território midiático. (TAKARA, 2013, p. 21)

É dentro deste território e por meio de apropriação das informações e empoderamento dos/as usuários/as que movimentos sociais de diferentes naturezas encontram novas formas de organização, mobilização e disseminação. Em comum entre todos eles há uma “[...] luta para mudar os códigos de significado nas instituições e na prática da sociedade, é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico [...] o que caracteriza os movimentos sociais na sociedade em rede é que eles têm de preencher o vazio deixado pela crise das organizações verticalmente integradas, herdadas da Era Industrial” (CASTELLS, 1999, p. 116).

Cidadãos e cidadãs empoderados/as pelas possibilidades de criação de conteúdo, divulgação e interação da *internet* criam um novo contexto no qual se aproximam cada vez mais da esfera política, dessa maneira criam agendas de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



conteúdos alternativas as dos meios de comunicação hegemônicos, como afirma Castells (2013) ao analisar os movimentos de enfrentamento as ditaduras e as indignações no Egito, na Espanha, em *Wall Street* e no Brasil.

Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação de autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais (idem, 2013, p. 7-8).

Santos (2011, p. 5) nos fala sobre o cenário no qual os meios de comunicação de massa e os novos meios passam a fazer parte da realidade de cidadãos e cidadãs:

[...] o lugar de mediador entre a esfera civil e a esfera política que é pensado pela teoria do agendamento como de posse exclusiva dos meios de comunicação de massa, passa a ser tensionado no contexto online. É nítido que os meios de comunicação de massa continuam tendo um papel importante e majoritário nessa mediação, mas não se pode ignorar a presença desses novos meios.

Para além dos processos de criação de agendas de conteúdos, da inserção das militâncias feministas no ciberespaço e das dinâmicas colaborativas de produção e publicização de materiais gráficos, a “Garota Siririca” subverte as representações femininas estereotipadas pautadas em binarismos (feminino/masculino, rosa/azul, sexo forte/sexo frágil) e demais estigmas das relações de gênero nas sociedades ocidentais, o gênero não é estático, mas performativo (Butler, 2003), as possibilidades das vivências de sexualidades ofertadas pela narrativa desenvolvida ao longo da série de quadrinhos fogem à heteronorma. Nestes quadrinhos as mulheres transcendem os papéis de consumidoras ou produtos de consumo e se tornam sujeitos centrais do discurso (LESSA, 2005).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





De maneira provocadora, a “Garota Siririca” questiona e subverte as vigilâncias exercidas sobre os corpos femininos e sua objetificação, que comumente encontram nos discursos publicitários maneiras de se reforçar por meio da seleção de peitos, coxas e bundas mostráveis ou não mediante os interesses de consumo, promovendo assim a fetichização e voyeurismo dos corpos de mulheres. Sendo assim, a estética pós-pornográfica se torna uma ferramenta: ao descentralizar o pênis como protagonista dos atos sexuais e evidenciar os dildos, ânus, relações entre humanos e máquinas e toda uma série de elementos que antes foram marginalizados pela pornografia, perturbam-se os binarismos de gênero. A plasticidade e multiplicidade dos corpos que ultrapassam as noções de masculinidade e feminilidade construídas pela ordem heterossocial instigam as investigações *queer* (PRECIADO, 2011) e servem de material para as produções de quadrinhos e *zines* feministas. À essa nova pornografia que evidencia as práticas sexuais marginalizadas e, por conseguinte, transgride as representações femininas, se dá o nome de pós-pornô.

A masturbação feminina, as provocações à heteronormatividade e a vigilância dos corpos na “Garota Siririca”.

A “Garota Siririca” é publicada semanalmente no *blog* da revista SAMBA¹, seu número piloto foi lançado no dia 12 de julho de 2013 e até o dia 9 de abril de 2015 – data em que finalizou-se a escrita do presente trabalho - haviam sido publicadas 83 episódios dos quadrinhos. Anteriormente, os dois primeiros capítulos da história foram originalmente publicados no *zine* Falafel². Em entrevista concedida para o desenvolvimento do trabalho que deu origem a esse artigo (BALESTIERI, 2014 p. 22), Masson revela que a preocupação em estudar e desenvolver a Garota Siririca utilizando a linguagem das histórias em quadrinhos e seguindo seus aspectos mais formais veio a partir de uma crítica de um amigo estudioso da temática:

¹Disponível em: <<http://revistasamba.blogspot.com.br/>>. Acesso em 9 abr. 2015.

²Fanzine periódico e coletivo que a cada número apresenta novos/as colaboradores/as. Disponível em: <<http://fanzinefalafel.blogspot.com.br/>>. Acesso em 9 abr. 2015.

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



[...] Aí eu fui pensar na relação que os requadros têm, na sarjeta, que é o espaço entre os requadros, e pensar em desenvolver uma personagem com um mundo ao redor dela e com outros personagens. Até então eu nunca tinha feito isso, aí eu comecei a fazer e veio esse ritmo de uma por semana, e agora que eu to preparando pra realmente começar a estudar roteiro, a criar uma história, a contar uma história, porque até então era tudo muito intuitivo.

Após perceber que a masturbação era um tema tabu para si mesma e em seu círculo de amigas, Masson passou a questionar o tipo de relação essas mulheres possuíam com o próprio corpo. Em entrevista à revista Fórum (2014), revela:

Depois que comecei a sacar como funcionava um orgasmo, com uns 20 anos, comecei a perceber que a maioria das minhas amigas nunca tinha gozado. E que a maioria das mulheres também não. Passei por maus momentos de chegar a pensar que eu era a mulher frígida. Alguns homens já vieram falar mal de mim por causa disso. Amigos faziam fofoca, falavam que eu era estranha. Reparei que era um problema meu, porque não me compreendia muito bem, como meu corpo funcionava. E também era um problema deles e dessa sociedade no geral porque é um “tabuzão” mesmo falar de siririca.

Senti a necessidade de fazer a Garota Siririca para compartilhar e tornar isso um assunto mais natural, para a gente conversar sobre isso melhor. Porque os homens estão se masturbando desde os oito anos de idade, e as mulheres não. Isso faz toda a diferença.

Os quadrinhos da “Garota Siririca” contam a história de uma garota que descobre o prazer por meio do toque na vagina em sua infância e, desde cedo, é punida pelas instituições que vigiam seu corpo e suas descobertas a respeito da sexualidade (família, escola e igreja). Já adulta, a personagem principal é apresentada por sua amiga Xoxola ao “Precioso do Príncipe”: um vibrador que satisfaria o vício da Garota Siririca – a masturbação. Ao ligar o aparelho, a entidade Prexeva se materializa – como o gênio da lâmpada de Aladdin –, apresenta-se e conta a história do jovem Marajá que possuía um harém, mas mantinha um caso secreto com um de seus servos. O servo é assassinado e o Marajá reconstitui o pênis do amante com as

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



joias mais preciosas do mundo inteiro. O sentimento do Marajá era tão grande que o cosmos confere à sua criação uma entidade mágica, Prexeva, que de centenas em centenas de anos encarna em vibradores “*made in India*” e abençoa o ser que manipula o objeto com mais tesão com o dom da super flexibilidade do Marajá. Depois desse encontro, a Garota Siririca nunca mais é a mesma.

Imagem 1 - Garota Siririca” números 10 e 11: a primeira aparição da personagem Prexeva.



Fonte: Blog da revista SAMBA.

A masturbação feminina é um tema silenciado até os dias de hoje por conta de uma história da sexualidade de repressão dentro de uma estrutura social patriarcal, o sexo posto em discurso desde o final do século XVI e cooptado pelas práticas confessionais da Igreja Católica e, posteriormente, da psicanálise tem como resultados a demarcação das perversões sexuais e o controle do comportamento procriativo, em consequência, o controle sobre a própria espécie humana (Foucault, 1999). A misoginia cultivada pela Igreja Católica na Idade Média, que atuava favorecendo o domínio do homem sobre a mulher e transformando o casamento em sacramento (domesticado e disciplinado conforme sua ideologia), impôs que a

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





função do sexo deveria ser exclusivamente procriativa e que o mesmo não poderia ser praticado com luxúria, negando o prazer. (GUSSO e LESZCZYNSKI, 2010).

Imagem 2 - “Garota Siririca” número 26 - a “caça às bruxas”.



Fonte: Blog da revista SAMBA.

Até o século XVII a medicina desconhecia diferenças anatômicas entre mulheres e homens, “os órgãos sexuais femininos eram entendidos como uma espécie de versão mal acabada dos órgãos masculinos. Os termos vagina, útero, vulva, lábios, clitóris foram criados depois do século XVII” (FELIPE, 2003, p.3). A, até então, teoria unissexual entendia a excitação clitoriana como essencial para a reprodução, pois ao estimular os “testículos internos” (ovários) a probabilidade de a fecundação ser bem sucedida era maior. Os conhecimentos medicinais desenvolvidos após o século XVIII unidos à ideologia cristã instauraram o ideal de maternidade e resultaram na frustração e repressão sexuais ainda maiores das mulheres: a masturbação feminina passou a ser entendida como um mal

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



responsável pela histeria e outras perturbações do espírito, como os ataques epiléticos, podendo levar inclusive à morte, o orgasmo clitoriano e a masturbação foram associados a doenças nervosas, prostituição, imoralidade e infantilismo psíquico (idem, 2003). De acordo com Gusso e Leszczyński (2010), o amor romântico e a figura do príncipe encantado também surgem na sociedade patriarcal como mecanismos para reprimir a sexualidade das mulheres, posteriormente, no século XIX, a psicanálise também passa a reiterar a maternidade atrelando a mulher à reprodução. Ainda de acordo com elas, todos esses discursos que reprimem a sexualidade feminina terminam por tornar as mulheres históricas, aquelas assim diagnosticadas eram tratadas por meio da masturbação ou da permitida apenas nos consultórios médicos e realizadas por estes profissionais da saúde.

Os primeiros brinquedos sexuais, segundo a literatura, surgiram no século XVII, em substituição ao toque terapêutico dado pelo médico responsável pelo tratamento de mulheres que apresentassem um desejo sexual desenfreado ou o furor uterino. O toque terapêutico era uma técnica médica, aplicada no órgão genital feminino, resultando em um orgasmo. (idem, 2010, p.8).

As revoluções sexuais e o desenvolvimento dos métodos anticoncepcionais no século XX auxiliam na emancipação da maternidade e tem incentivado as mulheres a tratarem suas sexualidades e vivências não mais como temas tabus. Porém, ainda que o movimento feminista tenha progredido e se disseminado na contemporaneidade, a estrutura patriarcal da sociedade ocidental continua muito organizada, o que explica o fato de muitas garotas da convivência de Gabriela Masson nunca terem experienciado um orgasmo e justifica a importância da existência de materiais como a história em quadrinhos da “Garota Siririca”.

A narrativa de Masson também nos oferta vislumbres sobre possibilidades de vivências de sexualidades não heteronormativas, vemos, por exemplo, os relacionamentos lesbianos vivenciados pela personagem principal, também por suas amigas Xoxola e Xena. Existe também uma provocação aos relacionamentos mononormativos: no quadrinho número 31, desenhado em resposta a uma pergunta

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





enviada via *Ask.fm*³ da “Garota Siririca”, a protagonista ressalva que sua sexualidade não depende de parceiros ou parceiras para ser exercida, é uma mulher dona de si, senhora dos seus desejos, sexual e afetivamente independente. Não precisa do príncipe para obter o orgasmo. Define a si mesma como “Selfsexuada”, “Centrossexual” ou “Egossexual”.

Imagem 3 – “Garota Siririca” número 31.



Fonte: *Blog da revista SAMBA*.

Gabriela Masson se apropria da rede social *Ask.fm* para escrever os roteiros de algumas edições da “Garota Siririca” com base na interação com fãs da série, a autora responde dúvidas a respeito da masturbação feminina, dá dicas sobre higiene íntima, cuidados para evitar lesões e incômodos, e, inclusive explicações anatômicas sobre como funcionam a vulva, o clitóris e os orgasmos femininos.

Além da crítica à heteronormatividade e aos relacionamentos mononormativos, observamos na “Garota Siririca” os peitos, coxas e bundas não mostráveis nos circuitos da publicidade ou da indústria pornográfica: nenhuma das personagens representa os ideais de beleza hegemônicos, nem mesmo a entidade

³O *Ask.fm* é uma rede social de perguntas e respostas, por meio dela é possível responder e questionar, anonimamente ou não, amigos/as e também desconhecidos/as. Perfil da “Garota Siririca” disponível em: <<http://www.ask.fm/garotasiririca>>. Acesso em 9 abr. 2015.

Realização:

Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



Prexeva. A crítica à indústria pornográfica heteronormativa também está presente em vários números da “Garota Siririca”.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Imagens 4 e 5 - Garota Siririca” números 22 e 36,



respectivamente.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Fonte: Blog da revista SAMBA.

Considerações Finais

A “Garota Siririca” é utilizada neste trabalho como um meio para agenciar provocações aos pudores e vigilâncias ao se falar sobre as sexualidades e corpos de mulheres; à escassa visibilidade (e viabilidade) relegada aos estudos de gênero, sexualidade e feminismos por pesquisadores/as da comunicação; e à hegemonia de discursos normativos nos circuitos da publicidade e da pornografia. A cada novo número e também a cada retorno aos episódios já publicados da série, certamente surgirão novas formas de perceber a obra (em sua integridade ou fragmentada) e temáticas que poderão ser trazidas à luz de outras teorias e olhares. Coube, nesse momento, destacar os assuntos que podem contribuir com possíveis transgressões às representações e modos de ser mulher em materiais comunicacionais.

Realização:



Apoio:

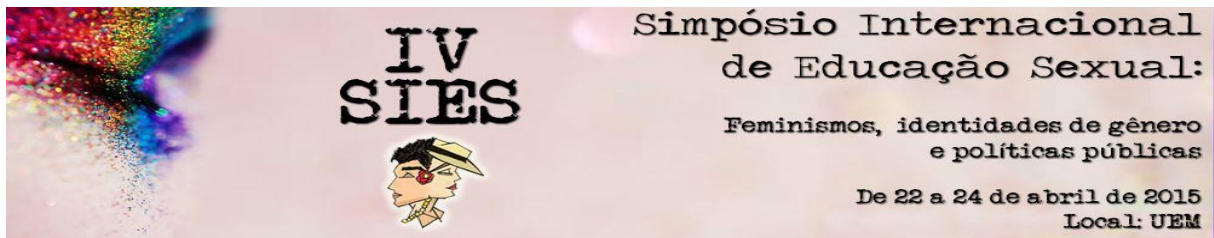


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





REFERÊNCIAS

BALESTIERI, Camille R. **Precisamos falar sobre clitóris** - do tabu ao orgasmo, as imagens do sexo e representações femininas em *zines* feministas. Monografia (Planejamento e Produção em Múltiplos Meios - Comunicação e Múltiplos Meios). Universidade Estadual de Maringá, 2014.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. I. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FELIPE, Jane. Governando os corpos femininos. In: **Labrys, estudos feministas**, n.4, 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys/labrys4/textos/jane1.htm>>. Acesso em 29 de set. 2014.

Foucault. **História da Sexualidade**, vol. I *A Vontade de Saber*. 13a ed. Rio de Janeiro, 1999.

GAROTA SIRIRICA. Disponível em: <<http://revistasamba.blogspot.com.br/search/label/garota%20siririca>>. Acesso em 9 de abr. 2015.

GUSSO, Rita de Cássia; LESZCZYNSKI, Sonia Ana C. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**, Curitiba, 2010. *Anais...* Curitiba, 2010.

LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda**: uma leitura do discurso publicitário nos outdoors. Londrina: Eduel, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





MASSON, Gabriela. Sexo é estratégia política. **Revista Fórum**, São Paulo, n. 138, 14 mar. 2014. Entrevista concedida a Isadora Otoni. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/digital/138/sexo-e-estrategia-politica/>>. Acesso em 23 de ago. 2014.

_____, Gabriela. Sobre a “Ética do Tesão na Pós-Modernidade” e a “Garota Siririca”: depoimento. [19 de novembro de 2014]. Maringá: **Precisamos falar sobre clitóris** - do tabu ao orgasmo, as imagens do sexo e representações femininas em *zines* feministas. Entrevista concedida a Camille Roberta Balestieri.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. Trad. Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. – São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto conta-sexual**: prácticas subversivas de identidad sexual. Barcelona: Editorial Anagrama, 2011.

SANTOS, Nina Fernandes dos. Agendamento e Twitter: Um Estudo Exploratório. In: **Anais do SimSocial**. Simpósio de Pesquisa em Tecnologias Digitais e Sociabilidade. Salvador, 2011.

TAKARA, Samilo. **Gênero e blog**: problematizações dos discursos de professoras e professores. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2013.

FROM THE TABOO TO THE ORGASM

The constitutions of female representations and sexualities in the comic book series "Garota Siririca"

ABSTRACT

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





This paper is part of a research result's presented in the course of Planning and Production in Multimedia (*Comunicação e Multimeios - UEM 2014*). The general objective was getting a questioning from the comic book series "*Garota Siririca*" the female representations reproduced in hegemonic communication circuits - such as advertising and the porn industry - compared to those that may be organized and built in not hegemonic media. The specific objectives were: demonstrate the relevance of feminist fanzines and comics as communication studies objects; bring out the transgressive constitutions of the ways of being a woman and possibilities of sexualities' experiences offered by "*Garota Siririca*" - which uses post-pornographic aesthetics and develops its narrative from the core of female masturbation. To achieve the objectives, the reserach's method was of qualitative and analytical imprint delineating documentary and bibliographic material. The concerns of Lessa (2005) on the advertising discourses on women, Preciado (2011) on the post-pornography and Butler (2003) on gender performativity contribute to the development of the study.

KEYWORDS: Communication; Sexualities; Women's representations; Comics.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook